



argumentou contra a hegemonia do cérebro em várias questões, a maioria delas inexata:

- O coração está ligado a todo o resto do corpo pelos vasos sanguíneos, enquanto o cérebro não tem conexões comparáveis (tem, mas é difícil ver os nervos numa dissecação com instrumentos primitivos).
 - Nem todos os animais têm cérebro (quase todos têm, mas alguns invertebrados não).
 - O coração se desenvolve antes do cérebro no embrião.
 - O coração fornece o sangue, que é necessário para a sensação, enquanto o cérebro não tem suprimento sanguíneo (nada disso é verdade).
 - O coração é quente, mas o cérebro é frio (eles têm praticamente a mesma temperatura).
- O coração é essencial para a vida, mas o cérebro, não (verdadeiro em alguns animais primitivos).
 - O coração é sensível ao toque, mas o cérebro, não, e o coração é afetado pelas emoções.

Como veremos (página 31), Aristóteles rejeitava a noção de uma entidade metafísica como um espírito, alma ou mente que habite o corpo e seja separável dele. Ele acreditava que o “*pneuma*” ou sopro da vida que anima o corpo é inteiramente material e expira com a morte do organismo. Isso significava que ele tinha de localizar todas as funções psíquicas no corpo físico, e escolheu o coração.

“O cérebro não é responsável por absolutamente nenhuma das sensações.”

Aristóteles, século IV a. C.

A antiga reverência dos egípcios pelo coração como sede da sabedoria e da alma está por trás do motivo da “pesagem do coração”. Depois da morte, dois deuses, Toth e Anúbis, pesam o coração do morto para determinar o valor do indivíduo (c.984 a. C.).

